

Em carta enviada ao ministro das Relações Exteriores, senador Arthur Virgílio ironiza decisão do governo de tornar o inglês uma disciplina apenas classificatória nos concursos para a carreira diplomática

Líder tucano critica Itamaraty

DA REDAÇÃO

A decisão do Ministério das Relações Exteriores de tornar o inglês uma disciplina não eliminatória no concurso para a carreira diplomática levou o líder do PSDB, Arthur Virgílio, a enviar uma carta ao Itamaraty. O destinatário é o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, a quem Virgílio — diplomata de carreira — trata como amigo e colega.

Na carta, o senador apresenta restrições à condução que o ministro vem imprimindo à política externa brasileira: “Considero, Celso, que você não fechou nenhum acordo significativo com

países ou blocos quaisquer nestes dois anos”. Depois, comenta: “Temo que os resultados dessa cruzada terceiro-mundista de vocês sejam funestos para futuros governos e futuras gerações no Brasil. Mas, meu amigo, a derradeira mudança é mesmo de amargar. Quer dizer, então, que a fluência no inglês não é mais essencial ao desempenho da atividade diplomática? Outras línguas se teriam alçado à mesma importância e, por isso, a recomendação seria não se estudar, a fundo, mais nenhuma? Não me mate de vergonha, Celso”.

Num tom pessoal, Virgílio inicia a carta lembrando alguns fatos que considera “risíveis” e “ridí-

culos por igual”. O primeiro seria o fato de o secretário-geral do Itamaraty, Samuel Pinheiro Guimarães, dar ordens aos seus auxiliares por meio de bilhetes em cima de um papel carbono. “Que coisa, Celso. Cobrança de resultados via papel carbono, tecnologia que, pelo caráter ‘inovador’, haveria de assombrar nossos bisavós, nos saraus litero-recreativos de antanho”, comentou o senador.

O segundo exemplo, segundo Virgílio, seria o fato de os diplomatas removidos para o exterior ou retornados ao Brasil serem “obrigados” a ler, na ante-sala do secretário-geral, três livros. O primeiro deles seria, *Brasil, Argentina e Estados Unidos*, de Moniz Bandeira,

obra prefaciada por ninguém menos do que o próprio Samuel Pinheiro Guimarães. Os outros dois seriam *Pensamento Econômico Brasileiro*, de Ricardo Bielschowsky, e *Biografia do Barão do Rio Branco*, de Álvaro Lins. “Pronto. Leu os três compêndios e virou diplomata de verdade, pela cartilha (ou Escolinha) do Professor Samuel”, ironizou o senador.

Depois, Virgílio afirma que Marco Aurélio Garcia estaria deslumbrado com o papel de “amigo do presidente que palpa sobre relações internacionais e adora o joguinho de pegar avião pra-cá-pra-lá em missões *top-secret*” ora com Chávez, ora com Toledo, ora visitando a ONU.

Roosevelt Pinheiro/Agência Senado/16.11.04



ARTHUR VIRGÍLIO: RESTRIÇÕES À CONDUÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA